

## Aposentadoria Como Rito de Passagem

Ana Flávia Abdo Guimarães\*



Pudesse todo trabalhador, no Brasil, falar sobre aposentadoria com prazer e despreocupação; porém, sabe-se que na realidade, dos que usufruem dessa aposentadoria são poucos os que podem viver com qualidade de vida e dignidade.

A aposentadoria compreende não só os problemas socioeconômicos que dela advêm, como também outros aspectos que decorrem da sua vivência. Os que estão por aposentar-se e os aposentados vivem um processo de mudanças significativas em suas vidas e nem sempre conseguem lidar, de maneira satisfatória, com os problemas que surgem por conta dessa situação. Para muitos, tal fase se configura em sérios conflitos de natureza física, social e psicológica.

Este texto não prioriza aprofundar as questões sobre velhice ou envelhecimento e nem pretende relacioná-las com a aposentadoria, por entender que essa relação não reflete a realidade. Estudos recentes, desenvolvidos por pesquisadores acadêmicos em nosso país, denotam que nem todo aposentado é velho e nem todo velho é aposentado. Para Debert

*A aposentadoria deixa de ser um marco a indicar a passagem para a velhice (...) É preciso rever o tipo de vulnerabilidade a que velhos e aposentados estão expostos, em um contexto em que os contingentes de aposentados são cada vez mais jovens e já não podem ser considerados como o setor mais desprivilegiado da sociedade. Um novo olhar se impõe...(1997, p.121).*

\* Assistente Social e Especialista em Gerontologia. Ceplac, Ilhéus, Bahia, 2002.

Apesar disso, a aposentadoria em nossa sociedade é carregada de preconceitos, desvalorização e perdas. Nessa perspectiva da desvalorização do aposentado, este busca uma integração e nem sempre a consegue, não consegue interagir e participar da comunidade para a qual contribuiu ao longo dos anos, com seu trabalho.

Romper com o vínculo empregatício não é tão simples quanto parece: desengajar-se do meio de produção, separar-se das relações sociais estabelecidas no ambiente do trabalho, conviver com a ociosidade e com a dificuldade em dar sentido à vida em direção a novos horizontes, demonstra claramente o quão necessário é trabalhar o aposentável, na tentativa de esgotar as dúvidas a serem enfrentadas, reduzindo medos e ansiedades. Com a aposentadoria, o desligamento definitivo do ambiente de trabalho é configurado por uma fase transicional em relação à situação na qual o trabalhador se encontra e se prepara para deixá-la, mas não se sabe ao certo como será a nova fase.

Compreender a aposentadoria como rito de passagem, por meio da antropologia, é um caminho para se fazer a leitura dessa transição, dessa mudança efetiva na vida do indivíduo como

processo ritual, acontecimento que demarca uma fronteira: um ritual de passagem.<sup>1</sup>

Essa passagem ritual requer uma compreensão contextualizada; requer observar o que Gennep enfatiza quando diz que a interpretação de uma fase é sempre parcial e por vezes enganadora, mas o estudo do momento anterior e do momento posterior é fundamental para esse entendimento do ritual (1978, p. 18).<sup>2</sup>

Tal transição é compreendida na antropologia como um momento que se caracteriza como “fronteira liminar”, expressão que define a condição em que o aposentado saiu de uma situação - seu antigo trabalho - e não consegue ingressar em outra, ou seja: ele está na liminaridade, o que configura sua existência localizada na crise.

Gennep caracteriza essa transição do rito de passagem como “fase liminar”, atribuindo-lhe três etapas:

*... a separação, o liminar intermediário e a agregação ou reincorporação. A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um*

<sup>1</sup> A expressão “rito de passagem” foi cunhada pelo antropólogo Arnold van Gennep em 1909, para descrever o processo pelo qual o indivíduo, ao mover-se de uma situação social para outra, recebe aceitação e reconhecimento (Mitchell, 1968).

<sup>2</sup> GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

'estado'), ou ainda de ambos. Durante o período 'liminar' intermédio, as características do sujeito ritual (o 'transitante') são ambíguas; passa através de um domínio cultural que têm poucos, ou seja, quase nenhum dos atributos do passado ou do estado futuro. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação) consuma-se a passagem. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disso tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e estrutural, esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos que vinculam os incumbidos de uma posição social, num sistema de tais posições (Apud Turner, 1974, p.116-117).<sup>3</sup>

Os movimentos da separação, da não pertença, do afastamento, da incerteza, dos desafios que estão por vir, se reconhecem pela experiência da partilha, ou seja: enquanto os trabalhadores estão na ativa abordam a questão da aposentadoria entre si; de certa forma há a constatação do sofrimento coletivo e tal sentimento é partilhado, solidarizado e, muitas vezes, agravado após a aposentadoria consumada, pois normalmente ocorre um certo afastamento entre os membros do grupo.

Mesmo que o ato de aposentar seja coletivo (empresa), a vivência do dia a dia é individual e solitária e o enfrentamento dessa situação apresenta, socialmente, reflexos negativos quanto à perda de papéis e de espaço participativo - tanto na família como na comunidade. O que pesa muito para enfrentar essa mudança é a maneira como cada cidadão vem vivendo sua vida e o que pretende fazer com ela.

Campbell relata sua experiência de quando se aposentou:

*... quando me aposentei do magistério, sabia que tinha de criar um novo modo de vida, e mudei a maneira de pensar em minha vida, exatamente em termos daquela noção – movendo-me da esfera da realização para a esfera do deleite, da apreciação e do repouso diante da maravilha que é isso tudo (2000 p. 74).<sup>4</sup>*

Aposentar-se é manter-se na condição de liminaridade: o sujeito ritual não está aqui e nem lá: está no meio, entre as posições preconizadas pelas convenções, costumes e leis. Frequentemente comparada à morte, à escuridão, pois, aposentar-se seria não conseguir avançar, não pertencer mais ao grupo de trabalho vinculado anteriormente e que ainda não se agregou a outro grupo.

<sup>3</sup> Turner, V. W. *O Processo Ritual*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>4</sup> Campbell, J. *O poder do Mito*. 18 ed. São Paulo: Palas Athenas, 2000.

Isso denota uma característica da modernidade: a ausência de referência do comportamento coletivo em relação ao viver mais após a aposentadoria. O interesse em entender a aposentadoria como um processo ritualístico, como um "ritual de passagem", tem finalidade própria no que consiste em assegurar uma transformação, um novo ciclo que se apresenta com possibilidades de demarcar novas fases de vida à frente, o que instala claramente a idéia de futuro, do que há além.

O trabalho é uma contingência que pode ser interrompida, mas a construção do ser humano é uma essencialidade cujo destino é a comunhão com a felicidade; é a pessoa humana, com suas múltiplas ações, quem dá sentido ao existir humano. E isso é poder dar luz ao fenômeno chamado aposentadoria, fazendo com que este não permaneça na obscuridade, na liminaridade, em nenhum lugar, como se nada de positivo houvesse além dessa etapa; os ritos de passagem apontam para uma nova compreensão do fenômeno.

Fazer a leitura do processo para a aposentadoria - o *desengajamento*, a separação, a *aceitação* da aposentadoria, manter-se na liminaridade ou não e a experiência pós-aposentadoria, o *engajamento*, a reagregação - adotando a teoria do rito de passagem pode levar à constatação de que a aposentadoria é dizível, não só pelo real, pelo concreto, mas também através do mítico, dos ritos que tão bem a localizam no cotidiano do viver social.

Podemos assim dizer que os ritos de passagem, independente do seu caráter, marcam o movimento de indivíduos ou grupos de um *status* social para o outro - como é o caso da aposentadoria - pois os ritos de passagem e os papéis que o homem desempenha em cada idade são tentativas de estruturar e organizar seus inter-relacionamentos. Merecem, portanto, seu devido reconhecimento e aprendizado porque têm uma estrutura ordenada pela qual seus direitos e deveres são claramente estabelecidos no viver em grupo.